

DA INTRANET AO PMO DIGITAL: UM CASE PRÁTICO DE INTEGRAÇÃO ENTRE SHAREPOINT E POWER BI NA GESTÃO DE PROJETOS DE ENGENHARIA

Case prático e regional aplicado na VGVIX Gerenciamento e Participações

Jovano Vicente Gomes¹ · Carlos de Macêdo Silva e Filho² · Daniel Diederichsen de Brito² · Mariana Fernandes Mota²
· Thiago Augusto Mendes¹

¹Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Gestão e Sustentabilidade – IFG – Goiânia – Goiás – Brasil.

²Instituto de Pós-Graduação de Goiás – IPOG – Goiânia – Goiás – Brasil.

Resumo

A fragmentação de informações entre planilhas, mensagens, e-mails, pastas e controles isolados compromete a rastreabilidade e amplia o esforço de consolidação em projetos de engenharia. Este artigo apresenta o case real da VGVIX Gerenciamento e Participações, que evoluiu sua intranet para um PMO digital de baixo código. No Projeto X, adotado como piloto, atividades, documentos, stakeholders, atas, contratos, pendências e indicadores passaram a ser organizados em fontes identificadas, com responsáveis, histórico e critérios de atualização. O artefato integra três camadas: Portal Interno VGVIX, para governança corporativa; Central de Monitoramento, para registros operacionais; e Power BI, para indicadores e gestão por exceção. A pesquisa é aplicada, qualitativa e conduzida como estudo de caso único apoiado pela Design Science Research, com inspeção autenticada em julho de 2026. Os resultados preliminares abrangem centralização, rastreabilidade, visibilidade gerencial, padronização e escalabilidade, expressas por um ponto comum de acesso, ligação entre registros e documentos, acompanhamento de compromissos por exceção e reutilização da estrutura. Persistem desafios de adoção, segurança, qualidade dos dados e definição de responsabilidades. Conclui-se que a intranet se torna PMO digital quando representa processos, fontes oficiais, papéis e decisões. O case ensina a estruturar o PMO low-code, transformar dados em governança e medir antes de escalar.

Palavras-chave: PMO digital; SharePoint; Power BI; governança da informação; gestão de projetos.

Abstract

Information fragmentation across spreadsheets, messages, emails, folders, and isolated controls weakens project traceability. This article presents the VGVIX case, in which an intranet evolved into a low-code digital PMO. Project X, the pilot, organized operational content in identified sources with owners, history, and update criteria. The architecture connects the corporate portal, the Project Monitoring Center, Power Automate, and Power BI for governance and exception-based management. An applied qualitative single-case study supported by Design Science Research found preliminary contributions to centralization, traceability, management visibility, standardization, and scalability, alongside challenges in adoption, security, data quality, and accountability. The lessons are to structure the low-code PMO, transform data into governance and decisions, and measure before scaling.

Keywords: digital PMO; SharePoint; Power BI; information governance; project management.

1 Introdução

Organizações de engenharia produzem informações em planejamento, contratos, custos, suprimentos, qualidade e direção. Quando esses conteúdos permanecem distribuídos entre planilhas, mensagens e pastas, localizar a fonte correta, validar versões e preparar relatórios compete com o tempo de análise. O problema é organizacional, pois afeta papéis, periodicidade de atualização, confiança e prestação de contas.

A gestão de projetos contemporânea associa governança, adaptação e entrega de valor aos domínios de desempenho (PMI, 2025). PMOs de alto desempenho utilizam tecnologia com intencionalidade e demonstram como suas entregas apoiam a estratégia (PMI, 2024). Assim, o PMO digital deve integrar padrões, dados e decisões, e não apenas produzir relatórios.

Na VGVIX, a implantação incremental do Microsoft 365 originou páginas, listas, bibliotecas, fluxos e painéis. A inspeção mostrou que o ambiente opera em três camadas complementares: o Portal Interno VGVIX como hub corporativo; a Central de Monitoramento como fonte operacional; e o Power BI como camada analítica. Explicitar essa relação corrige a leitura de que tudo ocorreria em uma única página.

A questão de pesquisa é: como uma intranet baseada no Microsoft 365 pode evoluir para um PMO digital capaz de integrar registros, documentos, indicadores e governança em projetos de engenharia? O objetivo é descrever o artefato, avaliar as evidências do piloto e estabelecer critérios para implementação e mensuração.

Em aderência à proposta submetida ao 19º SGPL, na trilha Projetos — Certificações, Cases e Estratégias Regionais, o artigo assume caráter prático, aplicável e de nível avançado. A análise é organizada pelos três aprendizados definidos na proposta: (1) estruturar um PMO digital de baixo código com SharePoint, Power Automate e Power BI; (2) transformar dados em governança e decisão por meio de fontes oficiais, responsáveis, rastreabilidade, segurança e gestão por exceções; e (3) implementar, medir e escalar a partir de um projeto-piloto.

2 Referencial conceitual

O PMO orientado a valor estabelece padrões, torna o portfólio visível, apoia decisões e conecta projetos aos objetivos organizacionais. Em organizações de menor e médio porte, essa capacidade pode ser materializada em processos, papéis e artefatos digitais, desde que sejam explícitos os direitos decisórios, as responsabilidades e as fontes oficiais (PMI, 2024; PMI, 2025).

A informação possui valor quando pode ser localizada, validada e aplicada no momento adequado (DAVENPORT; PRUSAK, 1998). A fonte única não concentra tudo em um arquivo: define origem, responsável, atualização e vínculo entre registro, documento e decisão. A qualidade do sistema deve ser distinguida da completude, atualidade e uso efetivo dos dados (DELONE; MCLEAN, 2003).

A Transformação Digital é sociotécnica: tecnologia e práticas organizacionais se modificam mutuamente (ORLIKOWSKI, 1992; VIAL, 2019). O SharePoint estrutura conteúdo e permissões; o Power

Automate conecta eventos a responsáveis; e o Power BI converte fontes governadas em relatórios interativos (MICROSOFT, 2025; MICROSOFT, 2026a; MICROSOFT, 2026b).

O painel analítico reduz a distância entre ocorrência, registro, percepção do desvio e ação. A gestão por exceção prioriza atrasos, riscos e falta de atualização. No SharePoint, o acesso ao relatório incorporado requer permissões coordenadas com o Power BI; integração visual não substitui governança, licenciamento nem responsabilidade pelas medidas (MICROSOFT, 2026c).

3 Metodologia

A pesquisa é aplicada, qualitativa e exploratório-descritiva. Adota estudo de caso único (YIN, 2018) combinado à *Design Science Research*, pois constrói, demonstra e avalia um artefato destinado a resolver um problema organizacional (HEVNER et al., 2004; PEFFERS et al., 2007). As etapas foram: diagnóstico, definição de requisitos, desenvolvimento, demonstração no piloto, avaliação e comunicação.

A unidade de análise compreende o Portal Interno VGVIX e a Central de Monitoramento do Projeto-piloto. As evidências incluem páginas, listas, bibliotecas, metadados, automações, documentos, painel e observação participante, complementadas por inspeção autenticada da home corporativa, da área de Governança, da lista Grupo de Entregas e do relatório incorporado em julho de 2026.

O nome comercial do empreendimento foi suprimido; “Projeto X”, quando presente no painel anonimizado, designa a mesma unidade-piloto. Capturas foram recortadas para excluir dados pessoais. A avaliação considerou centralização, rastreabilidade, visibilidade, padronização e escalabilidade, distinguindo mecanismo implantado, evidência observada e benefício a medir.

As fontes de evidência foram: estrutura dos sites e páginas; listas e bibliotecas; campos, metadados e histórico; documentos e atas; configurações de automação; painéis e indicadores; observação participante do responsável pela implantação; e inspeção autenticada do ambiente em julho de 2026. A triangulação relacionou a arquitetura projetada ao que estava efetivamente visível nas páginas e registros.

A triangulação relacionou o desenho do artefato ao que estava efetivamente visível. Não foram atribuídas reduções de prazo, custo ou retrabalho sem linha de base, grupo de controle ou comparação temporal.

Quadro 1 — Etapas metodológicas, aplicação e evidências do estudo

Etapa DSR	Aplicação no estudo	Evidência principal
Problema	Mapeamento da fragmentação, duplicidade e consolidação manual.	Planilhas, pastas, mensagens e rotinas anteriores.
Objetivos	Definição de requisitos de integração, governança e visibilidade.	Requisitos funcionais, informacionais e de segurança.
Projeto	Arquitetura em três camadas com SharePoint, Power Automate e Power BI.	Portal corporativo, listas, bibliotecas, fluxos e modelo analítico.
Demonstração	Aplicação na Central de Monitoramento do Projeto-piloto.	Lista Grupo de Entregas e relatório Power BI incorporado.
Avaliação	Análise qualitativa em cinco dimensões e inspeção autenticada.	Matriz de avaliação, capturas, campos e observação participante.
Comunicação	Sistematização do caso em artigo e apresentação profissional.	Manuscrito, arquitetura, evidências, limitações e lições aprendidas.

Fonte: elaborado pelos autores com base em Hevner et al. (2004) e Peffers et al. (2007).

4 Case aplicado: do portal à decisão

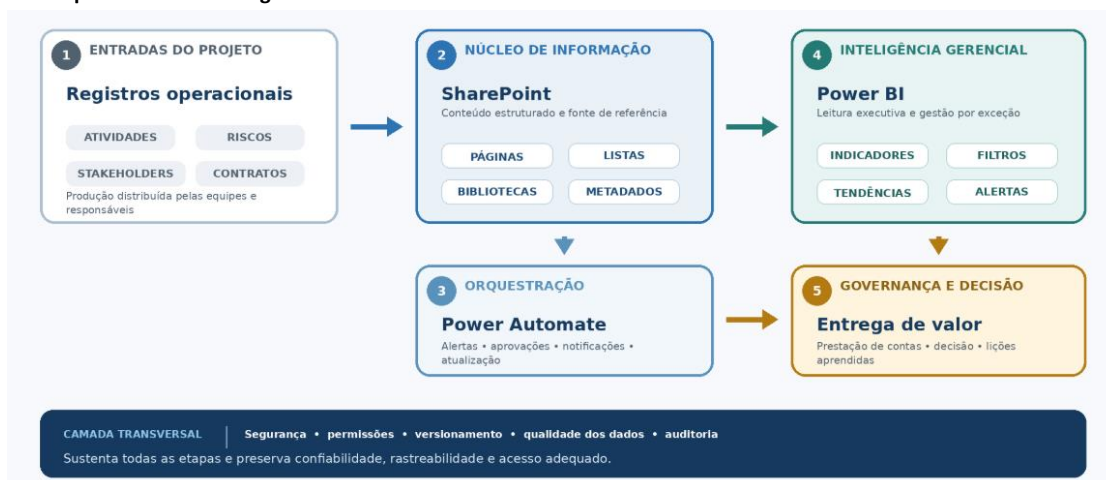
4.1 Problema e arquitetura

O diagnóstico identificou dispersão, duplicidade, baixa rastreabilidade, consolidação manual e dependência de conhecimento individual. Os requisitos foram convertidos em um ponto reconhecível de acesso, fontes oficiais, registros estruturados, responsáveis, automação, indicadores e componentes reutilizáveis. No escopo do Projeto X, o modelo informacional abrange atividades, documentos, stakeholders, atas, contratos, pendências e indicadores, em coerência com o conteúdo apresentado na proposta ao SGPL.

4.2 Arquitetura do PMO digital

A arquitetura conecta registros operacionais ao SharePoint, eventos ao Power Automate e fontes governadas ao Power BI. O Portal Interno forma a camada corporativa; a Central de Monitoramento, a operacional; e o painel, a analítica. Segurança, permissões, versionamento, qualidade dos dados e auditoria sustentam o fluxo.

Figura 1 — Arquitetura do PMO digital da VGVIX



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

4.2.1 Regras de desenho da integração

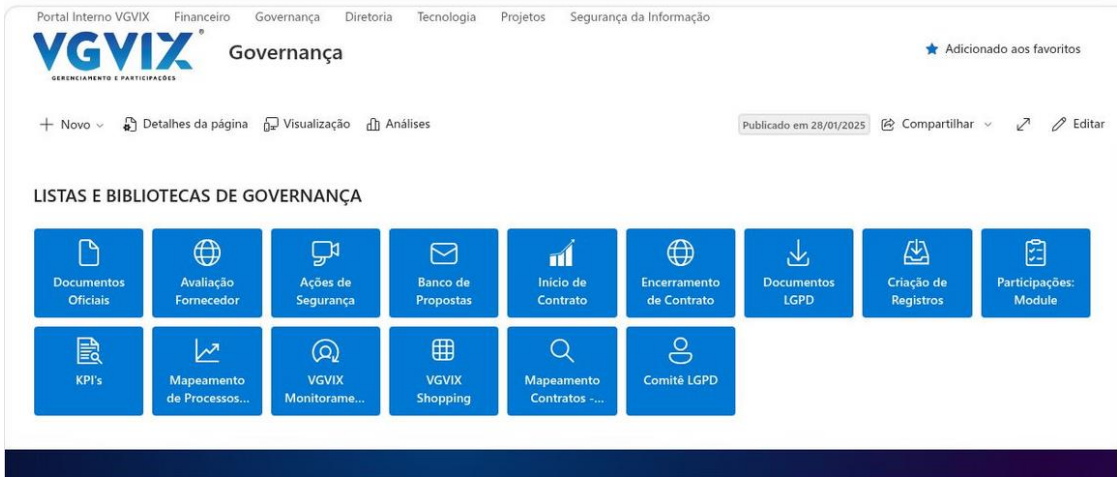
A arquitetura depende de um contrato informacional entre as camadas. Cada objeto gerencial deve possuir identificador, fonte oficial, proprietário, periodicidade e regra de qualidade. Listas armazenam atributos consultáveis; bibliotecas preservam documentos e versões; páginas orientam a navegação; e o modelo analítico consome apenas campos cuja semântica esteja documentada. Esse desenho evita usar o dashboard como origem autônoma e permite retornar do indicador ao registro que sustenta a leitura.

A automação deve ser aplicada a eventos com responsabilidade definida — por exemplo, avisos de prazo, pedidos de validação e sinalização de ausência de atualização. Cada fluxo precisa ter proprietário, tratamento de falha e trilha mínima de execução. No Power BI, medidas, frequência de atualização e filtros de acesso devem ser governados juntamente com as permissões do SharePoint. O princípio é simples: integração visual só gera valor quando fonte, regra de cálculo, acesso e ação esperada permanecem rastreáveis.

4.3 Camada corporativa: Portal Interno VGVIX

O Portal Interno VGVIX organiza documentos oficiais, fornecedores, segurança, contratos, LGPD, registros, indicadores e processos. Sua função é conectar o projeto às referências corporativas. A inspeção revelou, porém, que a ligação da área de Projetos com o piloto ainda precisa ser destacada para reduzir dependência de conhecimento prévio.

Figura 2 — Camada corporativa: página de Governança do Portal Interno VGVIX

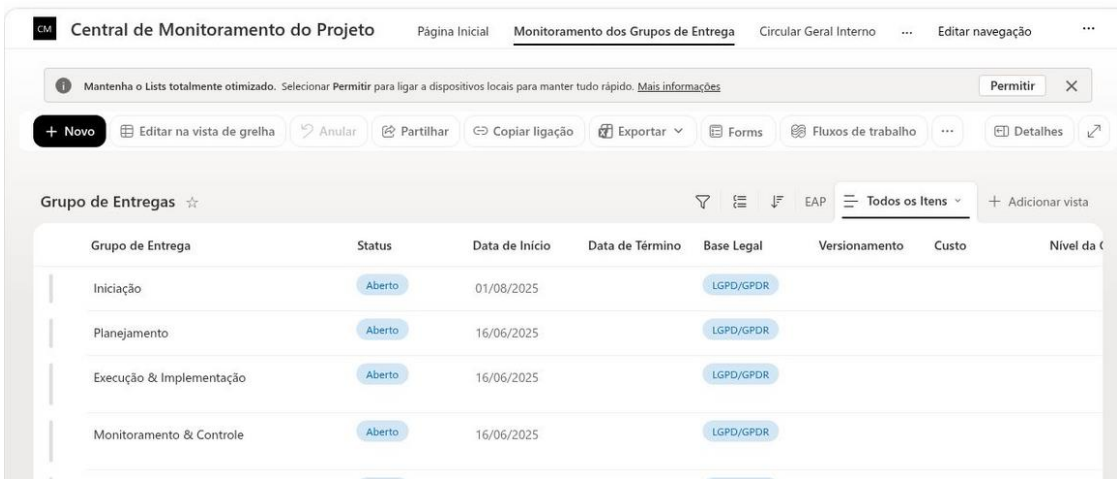


Fonte: captura do ambiente autenticado, julho de 2026; dados pessoais excluídos.

4.4 Camada operacional: Central de Monitoramento

A Central de Monitoramento atua como camada operacional. A lista Grupo de Entregas transforma fases em registros com status, datas, base legal, versionamento e custo. O item passa a ter atributos, responsável, histórico e ciclo de vida, enquanto documentos permanecem em bibliotecas vinculadas. Essa relação aproxima compromissos, registros e evidências sem converter documentos em banco de dados improvisado.

Figura 3 — Camada operacional: lista Grupo de Entregas da Central de Monitoramento



Fonte: captura do ambiente autenticado, julho de 2026.

4.5 Camada analítica: Power BI incorporado

A página do piloto incorpora um relatório do Power BI com cartões, composição de custos, distribuição temporal e comparações por disciplina. O resultado demonstrado é a capacidade de conectar a fonte operacional a uma leitura gerencial; os valores são anonimizados e não representam economia causada pelo PMO.

Figura 4 — Camada analítica: painel executivo de custos do projeto-piloto



Fonte: elaborado pelos autores (2026), com identificação do projeto anonimizada.

4.6 Componentes e ciclo de governança

A governança segue cinco movimentos: registrar na fonte definida, validar integridade e responsabilidade, publicar ao público autorizado, monitorar indicadores e arquivar o histórico. Tecnologia administra estrutura e segurança; as áreas operacionais permanecem responsáveis pela qualidade do conteúdo.

4.6.1 Critérios de operação e controle

A operação requer uma matriz simples de papéis: a área produtora registra e corrige; o responsável pelo processo valida; o PMO acompanha exceções e aderência; e tecnologia administra disponibilidade, integrações e segurança. Dicionário de dados, convenção de nomes, critérios de arquivamento e revisão periódica completam o controle. Para que o próprio PMO seja mensurável, recomenda-se um painel de saúde com completude, idade da última atualização, falhas de automação, uso do relatório e pendências sem responsável.

5 Resultados e aprendizados do case

5.1 Estruturar um PMO low-code

O primeiro aprendizado é estrutural: integrar *SharePoint*, *Power Automate* e *Power BI* para centralizar documentos, registros, fluxos e indicadores. As ferramentas não geram valor por simples coexistência. Páginas orientam a navegação, listas funcionam como fontes oficiais, bibliotecas controlam documentos, automações conectam responsáveis e o painel consome medidas conhecidas.

O case demonstrou viabilidade de um PMO digital incremental e replicável. A principal lacuna estrutural é a navegação ainda pouco explícita entre o hub corporativo e o piloto, o que deve ser corrigido por um acesso destacado ou catálogo de projetos.

5.2 Transformar dados em governança e decisão

O segundo aprendizado é transformar dados em governança e decisão. O registro estruturado aproxima entrega, situação, responsável e evidência; padrões de atualização e segurança preservam confiança; e o relatório incorporado orienta reuniões por exceções. Cada indicador ainda exige fonte oficial, fórmula, periodicidade, proprietário e ação esperada.

A inspeção mostrou Base Legal preenchida com LGPD/GDPR, mas Data de Término, Versionamento e Custo sem preenchimento visível em vários itens. O achado demonstra que a arquitetura está implantada, enquanto completude e disciplina de atualização seguem em amadurecimento. Tornar a lacuna visível é condição para governá-la.

5.3 Implementar, medir e escalar

O terceiro aprendizado é implementar, medir e escalar: começar pelo projeto-piloto, definir campos mínimos, responsáveis e critérios de validação; acompanhar indicadores de adoção, qualidade e desempenho; corrigir a rotina; e replicar gradualmente a arquitetura em outros projetos. Automação pode lembrar prazos e sinalizar ausência de dados, mas não substitui responsabilidade operacional.

Os resultados sustentam viabilidade e ganhos qualitativos, não causalidade sobre prazo, custo ou retrabalho. A próxima etapa deve medir completude, atualidade, tempo de busca, preparação de relatórios, uso do painel, satisfação e decisões registradas.

Quadro 2 — Evidências observadas e próxima medição

Dimensão	Mecanismo implantado	Evidência observada	Próxima medição
Centralização	Portal, piloto e painel organizados em camadas.	Fontes centralizadas; navegação ainda pouco explícita.	Tempo e sucesso na localização.
Rastreabilidade	Lista com status, datas, base legal, versão e custo.	Estrutura visível; campos críticos incompletos.	Completude e idade da atualização.
Visibilidade	Power BI incorporado ao portal do projeto.	Indicadores disponíveis no contexto do projeto.	Uso do painel e ações decorrentes.
Padronização	Modelos de páginas, listas, campos e bibliotecas.	Estrutura comum para entregas e governança.	Aderência a campos mínimos e controles paralelos.
Escalabilidade	Componentes reutilizáveis no Microsoft 365.	Replicação técnica viável; adoção condicionante.	Prazo, esforço e qualidade por novo projeto.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

6 Aplicabilidade, limitações e replicação

O modelo é aplicável a PMOs, construtoras, incorporadoras, empresas de engenharia e outras organizações que já utilizam o *Microsoft 365* e enfrentam dispersão informacional. Não substitui ERP, planejamento, orçamento ou sistemas de obra; atua como camada de integração e governança. Sua replicabilidade depende mais de papéis, padrões e manutenção do que da cópia técnica de sites.

6.2 Roteiro de implantação e implicações gerenciais

A experiência do caso foi convertida em um roteiro de cinco movimentos, adequado a organizações que desejam iniciar de forma simples e escalável:

1. **Diagnosticar.** mapear fontes, duplicidades, decisões recorrentes, públicos e riscos de segurança antes de criar novas páginas.
2. **Estruturar.** definir o núcleo mínimo de listas, bibliotecas, metadados, responsáveis e nomenclaturas.
3. **Integrar.** conectar eventos por automação e criar o modelo analítico a partir das fontes oficiais.
4. **Governar.** institucionalizar registrar, validar, publicar, monitorar e arquivar, com menor privilégio e trilha de auditoria.
5. **Medir e escalar.** estabelecer baseline, acompanhar uso e qualidade, corrigir o piloto e somente então replicar.

As três implicações gerenciais são diretas. Primeiro, tecnologia deve representar o processo, e não apenas disponibilizar ferramentas. Segundo, governança precisa acompanhar todo o ciclo da informação, incluindo preenchimento e revisão. Terceiro, escalabilidade deve ser condicionada a evidências de adoção e qualidade, e não apenas à facilidade de copiar sites.

As limitações são: caso único; participação direta de um autor na implantação; fotografia do ambiente em julho de 2026; ausência de grupo de controle e baseline completa; e dependência de licenciamento, segurança, competência digital e disciplina de atualização. Comparações antes/depois e entrevistas devem complementar os registros de uso.

Para escalar com controle, recomenda-se acompanhar: tempo de localização e consolidação; completude e atualidade; versões paralelas; usuários ativos; visualizações do painel; cumprimento dos prazos de atualização; satisfação; e decisões ou ações originadas dos indicadores.

7 Conclusão

Este artigo analisou como uma intranet corporativa pode evoluir para um PMO digital de baixo código em uma empresa de engenharia. A resposta ao problema não está na simples combinação de ferramentas, mas na arquitetura que relaciona três camadas: o Portal Interno VGVIX como referência de governança e conhecimento; a Central de Monitoramento como fonte de registros do projeto; e o Power BI como leitura gerencial. Power Automate, permissões, versionamento, qualidade dos dados e auditoria conectam essas camadas ao ciclo de decisão.

As evidências sustentam viabilidade arquitetural e contribuições qualitativas em centralização, rastreabilidade, visibilidade, padronização e escalabilidade estrutural. Também revelam limites concretos: a passagem do hub corporativo para o piloto ainda precisa ser mais evidente, e campos como Data de Término, Versionamento e Custo apresentavam completude insuficiente em parte dos registros observados. A exposição dessas lacunas fortalece o estudo, porque separa recurso disponível, prática observada e benefício ainda dependente de medição.

A síntese para o SGPL converge nos três aprendizados assumidos na submissão. Primeiro, estruturar o PMO low-code significa definir fontes, papéis, metadados, automações e medidas antes de ampliar páginas e painéis. Segundo transformar dados em governança exige responsabilidade por preenchimento, validação, acesso e uso do indicador. Terceiro, implementar, medir e escalar requer começar por um piloto, acompanhar qualidade e adoção, corrigir o processo e replicar somente componentes comprovadamente úteis. A intranet se torna PMO digital quando representa processos, responsabilidades, fontes e decisões não apenas páginas.

Como continuidade, recomenda-se tornar explícita a navegação entre portal e projetos, formalizar campos mínimos por fase, publicar o dicionário de dados, acompanhar o painel de saúde do PMO e consolidar uma linha de base. Comparações antes/depois, registros de uso e entrevistas permitirão verificar efeitos sobre tempo de busca, preparação de relatórios, qualidade da informação e decisões originadas dos indicadores. Esse percurso preserva a aplicabilidade regional do case sem converter percepção positiva em causalidade não demonstrada.

8 Agradecimentos

Os autores agradecem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) pelo apoio institucional e acadêmico ao desenvolvimento desta pesquisa. Agradecem, ainda, ao ambiente formativo proporcionado pelo Programa de Pós-Graduação (PPGTGS), que contribuiu para a construção metodológica, o amadurecimento científico e a elaboração do *framework* tecnológico apresentado neste artigo.

Referências

- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. Working knowledge: how organizations manage what they know. Boston: Harvard Business School Press, 1998.
- DELONE, William H.; MCLEAN, Ephraim R. The DeLone and McLean model of information systems success: a ten-year update. *Journal of Management Information Systems*, v. 19, n. 4, p. 9–30, 2003. DOI: 10.1080/07421222.2003.11045748.
- HEVNER, Alan R.; MARCH, Salvatore T.; PARK, Jinsoo; RAM, Sudha. Design science in information systems research. *MIS Quarterly*, v. 28, n. 1, p. 75–105, 2004. DOI: 10.2307/25148625.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 21502:2020: project, programme and portfolio management — guidance on project management. Geneva: ISO, 2020.
- MICROSOFT. Introduction to SharePoint and OneDrive in Microsoft 365 for administrators. 2025. Disponível em: <https://learn.microsoft.com/en-us/sharepoint/introduction>. Acesso em: 26 jul. 2026.
- MICROSOFT. Power BI documentation. 2026a. Disponível em: <https://learn.microsoft.com/en-us/power-bi/>. Acesso em: 26 jul. 2026.
- MICROSOFT. Use SharePoint and Power Automate to build workflows. 2026b. Disponível em: <https://learn.microsoft.com/en-us/power-automate/sharepoint-overview>. Acesso em: 26 jul. 2026.
- MICROSOFT. Embed a report web part in SharePoint Online. 2026c. Disponível em: <https://learn.microsoft.com/en-us/power-bi/collaborate-share/office-integration/service-embed-report-spo>. Acesso em: 26 jul. 2026.
- NONAKA, Ikujiro. A dynamic theory of organizational knowledge creation. *Organization Science*, v. 5, n. 1, p. 14–37, 1994. DOI: 10.1287/orsc.5.1.14.
- ORLIKOWSKI, Wanda J. The duality of technology: rethinking the concept of technology in organizations. *Organization Science*, v. 3, n. 3, p. 398–427, 1992. DOI: 10.1287/orsc.3.3.398.
- PEFFERS, Ken; TUUNANEN, Tuure; ROTHENBERGER, Marcus A.; CHATTERJEE, Samir. A design science research methodology for information systems research. *Journal of Management Information Systems*, v. 24, n. 3, p. 45–77, 2007. DOI: 10.2753/MIS0742-1222240302.
- PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. Built to thrive: PMOs that elevate innovation and power transformation. Newtown Square: PMI, 2024. Disponível em: <https://www.pmi.org/learning/thought-leadership/built-to-thrive>. Acesso em: 26 jul. 2026.
- PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. The Standard for Project Management and a guide to the Project Management Body of Knowledge (PMBOK® Guide). 8. ed. Newtown Square: PMI, 2025.
- VIAL, Gregory. Understanding digital transformation: a review and a research agenda. *The Journal of Strategic Information Systems*, v. 28, n. 2, p. 118–144, 2019. DOI: 10.1016/j.jsis.2019.01.003.
- YIN, Robert K. Case study research and applications: design and methods. 6. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.